

**Portuguese A: literature – Higher level – Paper 1**  
**Portugais A : littérature – Niveau supérieur – Épreuve 1**  
**Portugués A: literatura – Nivel superior – Prueba 1**

Friday 4 November 2016 (afternoon)  
Vendredi 4 novembre 2016 (après-midi)  
Viernes 4 de noviembre de 2016 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**Instructions to candidates**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a literary commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

**Instructions destinées aux candidats**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire littéraire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

**Instrucciones para los alumnos**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario literario sobre un solo pasaje.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Faça a análise literária de **um** dos seguintes textos:

1.

Em casa esperava-o um sossego acolhedor, como se o seu novo destino lhe abrisse portas e indicasse o caminho certo da sua cruzada. Nada de correrias, de preocupações, de frustrações, pensou Sebastião, lembrando-se do doutor Boavida. Apreciou o silêncio e o seu refúgio como nunca o fizera e sentiu-se verdadeiramente em casa, percebendo que seria  
5 agora ali que diariamente analisaria os avanços da sua ressurreição. Buscou nas estantes *Os Lusíadas*<sup>1</sup>, livro em que nunca antes mergulhara seriamente, e pô-lo de lado. Dormiria um sono reparador, pois queria acordar fresco e apto a aventurar-se por aquela grandiosa obra, fechar-se em sua caverna de tesouros trazidos em tantas lombadas até então ignoradas. Adormeceu, enquanto se penitenciava, arrependido por tão grande desperdício de tempo,  
10 jurando a si mesmo que doravante tudo seria diferente e a sua vida se inundaria de palavras alheias.

O silêncio apoderou-se de toda a casa, e foi então que aconteceu aquilo a que apenas alguns afortunados assistiram, e esses afortunados foram os que estiveram presentes; e, se em boa verdade não havia pessoas por ali, havia Pessoa<sup>2</sup>, havia Luís<sup>3</sup>, e assim foram eles os  
15 eleitos, eles e quem agora toma conhecimento do fenómeno e, embora noutro local e noutro tempo, pode testemunhar o que a vontade de alguém que dormia fez acontecer.

E o que se passou foi que as letras antes adormecidas voltaram a ser palavras, voltaram a gritar coisas sentidas, trouxeram de novo, em sua magia e arrumação, os caminhos que poetas e outros abençoados ofereceram em testamento universal, requerendo apenas aos  
20 herdeiros que soubessem dele guardar pedaço.

Cruzaram-se então no ar sonetos, estrofes, versos e rimas. Apoderaram-se do momento histórias, relatos e crónicas. Ouviram-se os gritos de soldados agachados em trincheiras e soltaram-se as angústias, esperanças, dúvidas e certezas de homens e mulheres que não se escondiam. Cheirava a África, inundava-se o espaço de um avermelhado sem igual, corriam  
25 agora soltos os escravos, de novo se escutaram os batuques que em festa celebravam os seus heróis libertadores. As ideias rodopiavam numa orgia de saber, as palavras entrelaçavam-se, a pena corria solta, proseava-se a liberdade de pensamento numa rima sem grilhetas. Letras, palavras, frases, páginas, folhas, livros, vinde, que bem-vindos sois, pois este é o vosso reino e mundo, cantaria alguém, se ali estivesse. O mundo estremeceu num abrir de páginas que  
30 fugiam às lombadas castradoras. E então, estando por ali mesmo sem estar, poderá o leitor ufanar-se de ter visto a vida voar.

Sebastião dormia um sono agitado, como agitadas são todas as revoluções.

Num repente, com a certeza de sua eternidade, recolheram-se as letras em improvável coreografia e de novo repousaram em seus lugares.

Nesse entretém, atabalhados no subconsciente do adormecido que se convertera à leitura, um vasto número de personagens reais, passados e presentes, parecia querer entender o rumo revolucionário do homem que, dormindo, os conduzia ao mundo das novas oportunidades: os antigos regressando aos dias de Sebastião, os de agora fazendo inesperada visita ao passado de gente difícil de desaparecer.

40 E todos perceberiam com espanto, e alguma tristeza também, quantos homens e mulheres haviam sido criadores, livres e iguais a si próprios, e que agora passavam despercebidos, guardando jardins e praças, resistindo como podiam, as mais das vezes como estátuas, à insaciável voracidade e ganância de um tempo sem tempo para nada.

João Rebocho Pais, *Dizem Que Sebastião* (2014)

---

<sup>1</sup> *Os Lusíadas*: obra épica do século XVI português onde o autor, Luís Vaz de Camões, conta a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Estudada na escola, em Portugal, pelos alunos a partir dos 14 anos.

<sup>2</sup> Pessoa: Fernando Pessoa, poeta português do século XX

<sup>3</sup> Luís: Luís Vaz de Camões

2.

### As raparigas lá de casa

Como eu arrumei as raparigas lá de casa

discretas fabricantes da penumbra  
guardavam o meu sono como se guardassem  
o meu sonho

5 repetiam comigo as primeiras palavras  
como se repetissem os meus versos  
povoavam o silêncio da casa  
anulando o chão os pés as portas por onde  
saíam

10 deixando sempre um rastro de hortelã  
traziam a manhã  
cada manhã  
o cheiro do pão fresco da humidade da terra  
do leite acabado de ordenhar

15 (se voltassem a passar todas juntas agora  
verieis como ficava no ar o odor doce e  
materno  
das manadas quando passam)

aproximavam-se as raparigas lá de casa

20 e eu escutava a inquieta maresia  
dos seus corpos  
umas vezes duros e frios como seixos  
outras vezes tépidos como o interior dos frutos  
no outono

25 penteavam-me  
e as suas mãos eram leves e frescas como as folhas  
na primavera  
não me lembro da cor dos olhos quando olhava  
os olhos das raparigas lá de casa

30 mas sei que era neles que se acendia  
o sol  
ou se agitava a superfície dos lagos  
do jardim com lagos a que me levavam de mãos  
dadas

35 as raparigas lá de casa  
que tinham namorados e com eles  
traíam  
a nossa indefinível cumplicidade  
eu perdoava sempre e ainda agora perdo

40 às raparigas lá de casa  
porque sabia e sei que apenas o faziam  
por ser esse o lado mau de sua inexplicável  
bondade  
o vício da virtude da sua imensa ternura

45 da ternura inefável do meu primeiro amor  
do meu amor pelas raparigas lá de casa.

Emanuel Félix, *Habitação das Chuvas* (1997)